

dade é o que toca no mais profundo do ser humano moderno”, afirma José Comblin¹⁰³, sendo um dos grandes temas da agenda teológica do Sul, da qual a teologia da Libertação representa a voz mais autorizada e mobilizadora¹⁰⁴.

Infelizmente, a perspectiva do aumento dos pobres nos grandes centros é uma realidade. A teologia não poderá ser feita para uma minoria mas para esta grande massa de deserdados abandonados à própria sorte nas cidades grandes, quase ingovernáveis. A teologia deverá articular uma linguagem que mostre o Deus de Jesus Cristo como um Deus de misericórdia, deve ser uma teologia tanto do *intelectus fidei* quanto dos *intelectus amoris*, capaz de ser compreendida por esta grande maioria: “O fim da teologia é a volta à linguagem simples do povo, pois as verdades reveladas atingem sua expressão mais perfeita

quando enunciadas com toda exatidão em termos simples da linguagem ordinária: Deus quis falar aos simples; coincidir a vida com a Palavra de Deus só é possível numa linguagem que responda à intenção de Deus.

Concluindo: uma teologia capaz de ensinar o homem da metrópole a “mergulhar no calor da batalha e deixar seu coração aos pés do Senhor”, é o que diz o sacerdote Krishna para o príncipe Arjuna, no livro sagrado dos hindus, o *Bhagavad-Gita*. Uma teologia que, como a fênix, anuncie constantemente (renascida das cinzas), à Águia, o começo do futuro da história, simbolizado na Nova Jerusalém descida do alto: “*Eis que faço novas todas as coisas*” (Ap 21,5).

Pe. Pedro Carlos Pedro Cipolini é Doutor em Teologia Sistemática pela Universidade Gregoriana, Roma, e professor de Eclesiologia no ITCR da PUCAMP.

¹⁰⁴ Cf. R. GIBELLINI. *II confronto tra teologia del nord e teologia del sud*. In: *Ressegna di Teologia* 37 (1996) 47-62; Cf. tb., JOÃO PAULO II. *Mensagem do Santo Padre ao Episcopado do Brasil* (1986) n.5: o Papa afirma que a TdL é não só útil mas necessária, desde que seja coerente com os ensinamentos do Evangelho, da Tradição e do Magistério.

EVANGELIZAR A CIDADE

Rev. Abival Pires da Silveira

A cidade é uma arquitetura. É uma arquitetura humana. É uma criação e construção do homem. A história do homem é a história da cidade e a história da cidade é a história do homem. São inseparáveis: Homem e Cidade; Cidade e Homem.

Patrick Geddes descreve o ciclo evolutivo das cidades como que submetidas a um destino inexorável. Começa com a “polis”, cidade modesta em suas origens, que cresce na sombra; segue-se a “metrópole”, cidade importante, que cria outra cidade em seu redor com a sobre de sua energias; a “megalópole”, cidade hipertrofiada, que busca mais seu próprio volume e grandeza do que a felicidade de seus habitantes; a “parasitópolis”, cidade que consome sem produzir e vive sugando recursos; e, por último, a “patópolis”, cidade que luta inutilmente contra os germes da morte.

Lewis Mumford repete o mesmo esquema dando-lhe alguns retoques.

Distingue também seis fases: a “eópolis”, cidade nos seus inícios; a “pólis”, cidade já bem caracterizada pelos seus contornos próprios; a “metrópole”, cidade que se faz centro de convergência de uma região; a “megalópole”, cidade que busca o quantitativo e se transforma em máquina de opressão das massas; a

“tiranópolis”, cidade transformada em burocracia e que transforma o povo em proletariado; e a “necrópolis”, cidade decadente, abandonada à sua própria sorte. Esse ciclo evolutivo das cidades, nada otimista, vem desafiando os novos urbanistas a descobrirem caminhos novos para essas cidades, mas todos, ao invés de apontar novos caminhos, imaginaram um futuro ainda mais industrial - a cidade superindustrial, que hoje pensamos jamais venha a existir. Quem o sabe! De qualquer forma, só para mexer com a nossa imaginação, aqui vão alguns exemplos futuristas.

Doxiadis, urbanista grego, projetou “Ecumenópolis”, uma cidade mundial, um único sistema urbano rodeando todo o planeta, habitado por 20 milhões de pessoas.

Yona Friedman propõe nova Paris sobre a Paris existente. Uma malha reticular onde as habitações se encaixariam segundo a necessidade.

Na Inglaterra, o grupo Archigram propõe uma cidade onde os edifícios são compostos por cápsulas habitáveis, como as da nave Apollo.

Kiyonori Kikutake, no Japão, propõe uma cidade com espigões flutuantes sobre a baía de Tóquio. São as chamadas cidades-ponte, cidades aéreas, cidades flutuantes, cidades subterrâneas.

Deixemos, entretanto, o ar, a água e o subsolo e voltemos à realidade, à terra firme, onde estão plantadas as nossas cidades. Voltemos à imagem da arquitetura para falar da cidade.

1. A CIDADE COMO ARQUITETURA ESPACIAL

Desta perspectiva, a cidade é a maneira como o ser humano organiza e ocupa determinado espaço. É um modo de se compor e de se estruturar. É a cidade na sua expressão formal e material.

É claro que há uma diferença muito grande entre a cidade com alguns milhares de habitantes e a cidade com alguns milhões de habitantes mas, quanto à arquitetura espacial, elas pouco variam. Vigoram ainda, em linhas gerais, os mesmos modelos. Atendo-nos às perspectivas mais imediatas, atualmente defrontam-se dois grandes modelos de cidade. Um inglês, outro francês. O primeiro, representado por Frank Lloyd Wright, com sua "cidade espaçosa"; o segundo, por Le Corbusier, com sua "cidade radiosa".

É interessante notar que os ingleses, desde a New Town Act de 1946, sempre estiveram na vanguarda do movimento de criação de cidades novas, mas foi Le Corbusier quem se tornou mais conhecido, pois "A Carta de Atenas", por ele redigida e universalmente adotada, é tida como marco do urbanismo moderno.

Em síntese, para Le Corbusier a cidade é uma máquina de morar e se estrutura a partir de quatro funções básicas: habitar, trabalhar, circular e recrear. Ela se contrapõe às cidades industriais do século XIX - cidades de carvão e aço - sujas e feias. O urbanismo do século XX é uma reação a esse estado de coisas e tenta resgatar a beleza da cidade. Daí o nome "cidade radiante".

No Brasil, a realização mais perfeita desse modelo é Brasília. É interessante que enquanto Brasília se erguia audaciosamente nos cerrados de Goiás, muitos urbanistas, especialmente estrangeiros, profetizaram que ela seria "a mais bela ruína do século". Exagero à parte, é claro que a cidade, radiante como qualquer outra, tem os seus defeitos. Nossa "radiosa" Brasília mostra os pontos críticos dessa universal máquina de morar, pois exige uma rede competente de transportes para interligar os isolados, mas justapostos módulos constitutivos da urbe; destrói a vida de relacionamento; suprime as ruas e as praças; elimina o comércio local e os pontos de encontro. É boa amostra de como a engenharia de ocupação do espaço influi e determina a forma de viver. Cria o estilo radiante que às vezes não tem nada de radiante. E aqui introduzimos o nosso segundo ponto.

2. A CIDADE COMO ARQUITETURA HUMANA

A cidade não é apenas invenção do homem, construída por ele segundo modelos determinados mas, sobretudo, é **para ele**. Parafrazeando um famoso dito de Jesus, poderíamos também afirmar: o homem não foi feito para a cidade, mas a cidade foi feita para o homem. A cidade deve ser a sua habitação, a sua casa, o seu lar. Não pode ser simplesmente a "máquina de morar". Uma máquina não tem finalidade. Ela funciona por funcionar. Ela não tem projeto. Assim, em lugar de reagir contra a desintegração humana, produzida pelo seu funcionamento, ela reforça esse efeito. O resultado é que a vida na cidade aparece cada vez mais como um absurdo, uma vida desprovida de sentido, uma existência vazia de conteúdo. A cidade máquina prescinde do ser humano; realiza, cumpre funções, mas não se dirige ao ser humano como tal.

Na verdade, a cidade que deveria ser máquina de humanização, transformou-se em máquina de desumanização. A urbanização rápida mostra, claramente, essa paisagem desumana da cidade. Relaciono algumas dentre as suas muitas faces:

2.1 A explosão social

Nosso século viu e ainda vê agravar-se nestes últimos anos, às portas do século XXI, o superdesenvolvimento da megalópole, com seus

novos problemas de engarrafamento, congestão e massificação. Continua o movimento de crescimento acelerado, cujos limites não podemos também divisar. Vivemos intensamente o mito da maior cidade do mundo. Nós, também, com o nosso "São Paulo não pode parar". Atualmente temos mais de dez cidades no mundo a caminho dos doze milhões de habitantes ou, em alguns casos, mais. Aí estão: Cidade do México, Shangi, Nova Iorque, Tóquio, São Paulo, Londres, Paris, Calcutá, Moscou... Humanamente falando, as megalópoles são catástrofes. O homem perde o poder sobre elas; torna-se escravo delas; e aquela cidade que ele pensava ser a sua cidade é, de repente, uma grande cidade sem dono!

2.2 A exclusão social

A conseqüência natural da explosão social é a exclusão social.

Quando estava sendo construída a cidade de Brasília, a paisagem humana era dominada pelos "candangos", verdadeiro formigueiro de trabalhadores. Quando acabaram de construí-la, tiveram de deixá-la. Não havia lugar para eles na cidade que acabavam de construir. Daí nasceram as cidades satélites, filhas enjeitadas da mãe radiante.

Que figura forte: a cidade expulsa para fora aqueles que a fizeram! Assim são as megalópoles. Há uma grande e excessiva massa de povo, superávit humano, incômodo e indesejá-

vel. Uma espécie de lixo humano que extravasa pelas bordas da cidade e se esparrama pelas periferias. E explosão social mais exclusão social é igual a degradação. Degradação do espaço urbano. Degradação da qualidade de vida urbana.

De fato, os problemas da cidade atual são tremendos, sobretudo nas grandes metrópoles, conforme acabamos de mencionar. Essas cidades, a rigor, quase não merecem o nome de cidade. São antes grandes conglomerados sem forma e sem estrutura. Neles, debatem-se e sobrevivem a duras penas, milhões de membros de uma sociedade desintegrada em busca de identidade, de sentido, de integração e de vida.

Aqui introduzo o meu terceiro ponto.

3. A CIDADE COMO ARQUITETURA RELIGIOSA

A cidade é também uma mentalidade, em estado de espírito. Um complexo de idéias, atitudes, qualidades e sentimentos. Verdadeiro espírito que penetra nas pessoas forjando-lhes o caráter, imprimindo-lhes personalidade. É aqui que entra também a religiosidade, o papel e a função da religião na cidade.

A cidade sempre teve o seu templo, o seu altar, a sua expressão de religiosidade. Houve um momento em que se pensou em exorcizar a religião da cidade. Para uns, porque ela era

ópio para a sociedade, portanto um mal a ser erradicado. Para outros, porque ela era sinal de atraso. A pessoa urbana havia então alcançado a sua maioridade, a sua idade adulta. Já não precisava da muleta religiosa. A secularização era, assim, como que fruto saboroso da urbanização mas, eis que de repente, a religião ressurgiu mais forte, mais vigorosa, mais desafiadora. Hoje, podemos perceber uma modificação radical no cenário religioso. Há alguns indicadores interessantes.

O cenário religioso da cidade urbanizada não é mais aquele do *Corpus Christianum*. Anteriormente, a Igreja como grande sacerdotisa da religião, estava no centro da cidade com seus templos. Hoje, já não está. O mapa arquitetônico da cidade era um só. No centro da cidade, a praça, e no centro da praça, a Igreja. Os templos com suas torres altas dominavam o cenário repleto de arranha-céus. Deixaram de ser o símbolo dominante da cidade. Ao contrário, com o avanço da secularização e a decadência da religião, os templos especialmente na Europa foram transformados em museus, teatros e clubes. Hoje, com o ressurgimento da religião, museus, cinemas, teatros, clubes e barracões são transformados em templos.

Já não existe a religião oficial, a religião dominante. Há grande oferta de novos bens de consumo religioso.

Há verdadeiro hipermercado religioso, onde as pessoas podem escolher a religião que mais lhes agrada e satisfaz.

Nessa nova arquitetura religiosa da cidade, as Igrejas históricas estão fora de ritmo e fora de sintonia. Fora de ritmo porque não conseguem acompanhar a leveza institucional e a velocidade com que se movimentam os novos mercadores religiosos; e fora de sintonia porque estão exatamente onde o povo não está, nem dizendo o que o povo quer ouvir.

A Igreja eletrônica é a nova sacerdotisa que leva a fé aos lares.

A cidade é o grande espaço aberto à missão. Nunca é posse assegurada. Nela podemos rejeitar uma religião e adotar outra. Uma religião que cai na passividade, ou se fecha no seu passado, será progressivamente encostada, esquecida ou eliminada da cidade. Nada é estável e definitivo. Uma religião, para se manter, deve estar num estado de missão permanente.

Até os fiéis deixam de perseverar se sua fé não se renova sem cessar. As Igrejas tradicionais preocupavam-se em manter seus membros. Hoje em dia, ninguém segura ninguém dentro da Igreja. É preciso renovar sem cessar. Fazer novos membros e cuidar da fidelidade dos membros antigos.

Hoje, a verdade é esta: a igreja que oferecer o melhor espetáculo será a vencedora, e a religião boa é aquela

que dá satisfação, personaliza e permite à pessoa ser mais ela mesma e agir mais.

4. A CIDADE COMO ARQUITETURA DIVINA

Foi Hans Hoekendijk, teólogo e missiologista holandês, quem cunhou esta frase que vemos sempre repetida por aí: "A história que a Bíblia nos narra tem seu início em um jardim e o seu final em uma cidade". Nessa frase está resumida a história do homem através dos tempos. Ele sai do jardim e caminha para a grande cidade. Eis aqui um parâmetro bíblico para análise e interpretação cristãs da história da humanidade. O fato da revelação bíblica culminar numa cidade - a Nova Jerusalém - tem para nós tríplice significado:

4.1 O primeiro significado é que Deus não anula a história humana, ao contrário, ele assume a história humana. Em outras palavras: a caminhada do jardim até a nova cidade é uma expressão da caminhada histórica do homem em cumprimento à determinação divina: "crescei, multiplicai-vos...enchei a terra e dominai-a".

A cidade é símbolo da participação, da construção, da criatividade e do esforço humano na criação de Deus. O símbolo da cidade é o sinal mais forte que poderíamos ter de que o Deus bíblico é um Deus que acompanha o homem na sua história. Ele

não prossegue ou persegue o seu desígnio de modo independente, mas ele o prossegue e o persegue na história e com a história dos homens.

4.2 O segundo significado é que a simbolização da nova criação por uma cidade e não por um jardim, é a afirmação de que não assistimos a um regresso à origem. Não se trata de uma volta ao paraíso, de um retorno ao jardim de onde um dia o homem saiu. Trata-se da posse de um futuro novo, absoluto, preparado por Deus para a felicidade humana. Na prática, isso significa que não devemos viver sonhando com um passado que já se foi, por mais belo e extraordinário que possa ter sido; nem viver lamentando ou chorando um presente diante do qual parecemos impotentes. Devemos, isso sim, caminhar confiantes no futuro que temo pela frente e que é dom de Deus para nós. O cristão não é chamado a viver de saudade, mas de esperança. A saudade tem o seu olhar voltado para o passado - como a mulher de Ló - e vive das recordações das panelas de carne do Egito. A esperança tem o seu olhar cravado no futuro - como Abraão - e vive na certeza de uma nova Canaã.

Deus não nos convida a voltarmos ao jardim mas sim, em seu nome, desafia-nos a tomar posse da nova cidade.

4.3 O terceiro significado é que ao fazer da cidade o símbolo da nova criação, Deus está elevando à perfeição a obra que o homem pretendeu

realizar, isto é, a nova Jerusalém é a cidade perfeita como nenhuma cidade humana jamais pode ser.

Dessa forma, Deus realiza na Jerusalém Celeste o que foi sempre o sonho e a busca do homem: criar o lugar da verdadeira comunidade; criar o espaço da tão desejada comunidade.

CONCLUSÃO

Terminamos este nosso estudo com mais uma observação: é interessante notar que, tanto no jardim como na cidade, a árvore da vida é o símbolo sempre presente. Ela está lá no centro do Éden e está lá no centro da praça da Nova Jerusalém. Com uma diferença fundamental nesta mudança de cenário, do jardim para a cidade: no jardim, ela se tornou inacessível (Gn 3.22-24); na cidade, ela não está guardada, nem é inacessível.

No centro da praça produz fruto para a saúde das nações. É a grande dádiva de Deus para alimentar, por todo o sempre, a sua criação agora salva e reconciliada.

Palestra proferida na V Semana Teológica Ecumênica pelo Rev. Pastor. Abival Pires da Silveira da Igreja Presbiteriana Independente. Endereço do autor: Rua Nestor Pestana, 136, São Paulo, SP.

DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A MISSÃO URBANA

Rev. Rolf Schunemann

As reflexões bíblico-teológico-pastorais anteriores deixaram claro que as Igrejas cristãs históricas estão descobrindo o desafio da urbanização em meio a muitas perplexidades. Diante das mudanças nas relações sociais e culturais, suas atividades pastorais entraram em crise. A perplexidade gera ansiedade. A ansiedade leva ao ativismo. O ativismo conduz à afobação. Da afobação nasce a improvisação. A improvisação leva à frustração. A frustração desencadeia o desânimo. O desânimo desperta a impotência. A impotência aumenta a perplexidade.

Este círculo vicioso pode ser experimentado de várias maneiras. Acontece que nas atividades eclesiais impera muitas vezes um *laissez-faire/laissez-passer* pastoral. Diante da ausência de perspectivas a curto e médio prazo, faz-se de tudo um pouco, levando a uma pulveriza-

ção das atividades. De forma descoordenada e atomizada comunidades/paróquias/Igrejas, acossadas pela urbanização, se defendem como podem e buscam alternativas de sobrevivência¹. Mas será que se trata de uma questão de sobrevivência? Não está em jogo muito mais do que simplesmente a questão da continuidade institucional? Uma continuidade a ser disputada no terreno do acirrado mercado religioso? Ou não será a questão da urbanização uma possibilidade colocada para comunidades/paróquias/Igrejas, de reverem sua relação de uma para com as outras? Não será uma oportunidade para encarar, de maneira humilde, a impossibilidade de afirmar hegemonias religiosas a partir do Evangelho?

Nesta abordagem procurar-se-á apresentar algumas reflexões acerca de caminhos possíveis a serem trilhados pelas Igrejas, tanto para favore-

¹ Cleto CALIMAN. "A Evangelização na Cidade Hoje. Algumas reflexões pedagógico-pastorais". In: Alberto ANTONIAZZI e Cleto CALIMAN. *A Presença da Igreja na Cidade*. Vozes, Petrópolis 1994, p. 105s aponta alguns vícios mais comuns na pastoral: a) visão funcionalista: cada setor se articula isoladamente, conforme as suas necessidades, desde que funcione; b) pastoral de resultados: não se discute método, pedagogia, etc; c) individualismo pastoral: cada um é "dono da bola"; d) centralismo pastoral: não existem diferenças e tudo gira em torno de um núcleo forte que articula tudo.